

Um caminho sem volta do Corpo rumo ao sucesso

O grupo mineiro encanta o Rio no Teatro Municipal

MAURO TRINDADE

CASA cheia, uma exibição sem problemas e chuvas de aplausos depois do espetáculo. Rodrigo Pedereiras tem todos os motivos do mundo para estar satisfeito com o seu 21, balé que o grupo Corpo apresenta até domingo no Teatro Municipal do Rio, com música de Marco Antônio Guimarães, do grupo Uakti. "Olha, a repercussão é uma das mais fortes que a gente tem tido. Somente a *Missa do orfanato*, de 1989, conseguiu algo parecido. A estréia de quinta-feira me surpreendeu pela reação do público. Foi uma noite com a plateia cheia de convidados, o que costumeiramente a torna mais comediada. Mas a verdade é que a atitude dos espectadores foi muito poderosa", exulta o coreógrafo.

Na segunda-feira, o Corpo recorre o *patchwork* que serve como pano de fundo para os saltos de seus bailarinos e voa até Belo Horizonte. De lá, segue para uma excursão pelas capitais do nordeste. Depois o grupo de dança realiza novas récitas nas capitais e em algumas cidades do interior do sul do país. "A gente já está acostumado com isso. Faz parte de nossa rotina", inclusive porque nossas apresentações exigem um aparato técnico que só pode ser encontrado nos melhores teatros brasileiros, como os Municipais de São Paulo e do Rio e a Sala Villa-Lobos, em Brasília. Não faria sentido e nem seria possível uma grande temporada nesses locais", explica.

Com mais um sucesso no bolso da camisa, Rodrigo Pedereiras está o olhar para o ano que vem, quando pretende montar uma nova coreografia, desta vez baseada nas obras de Pixinguin-

ha, Zequinha de Abreu e Ernesto Nazareth. "Nos encontramos com o músico José Miguel Wisnick que, por coincidência, tinha uma idéia sobre o Nazareth que bateu com a nossa", diz. O coreógrafo e o pensador musical chegaram à conclusão de que não valia a pena apresentar essas músicas em seus conhecidos arranjos, mas sim numa forma transfigurada. "Ninguém melhor que o José Miguel para fazer isso de uma maneira contemporânea", elogia.

O próximo trabalho do grupo Corpo, ainda sem nome, será iniciado tão logo se encerre esta turnê nacional. Se tivesse a chance de recomar todo o 21 novamente, Rodrigo garante que não moveria um artilho da atual coreografia. "Engraçado, hoje de manhã comentava exatamente isso com minha mulher e Gustavo Molajoli, o *maître* do grupo. O 21 está muito bom e não me refiro só à técnica, aos bailarinos. O figurino, os cenários, a música, tudo é uma pérola de limpeza a cada cena. Eu me sento na plateia e digo a mim mesmo: 'Como o 21 é redondo. Não há o que me-xer', congratula-se.

Rodrigo Pedereiras não esconde que o alto nível dos espetáculos de seu corpo de balé é resultado tanto dos artistas e técnicos da equipe, como do pólipdo patrocínio da Shell, que chegou este ano aos US\$ 800 mil. Ele explica que "um pouco de tudo que a gente conquistou se deve a este mecena-to. Hoje temos uma tranquilidade para trabalhar que nenhum outro grupo de dança tem. Veja, acabamos de fazer um balé e já estamos pensando no próximo. Se não fosse por esse patrocínio, isto seria impossível. Não existe nenhuma grande companhia de qualidade em todo o mundo que não tenha uma subvenção de peso. Graças a isso, podemos fazer nossas pesquisas. Admiro o balé tradicional, mas hoje o Corpo está num caminho sem volta. Acho isso maravilhoso".



Baseado na matemática, o balé 21 usa elementos concretos e abstratos e termina em uma grande colcha de retalhos

O som, a cor e o gesto integrados

DANUSIA BARBARA

CEREBRINO. Aplaudidíssimo. Assim é o grupo Corpo, que se apresenta no Teatro Municipal, hoje e amanhã, após a estréia de quinta-feira última. O visual é belo, a coreografia, o cenário e a iluminação corretíssimos. Os bailarinos são seguros, sem erros. Mas, e depois do espetáculo? "Diversas coisas se alinham na memória/ uma prateleira com o rótulo: Pedereiras."

Não há como não citar João Cabral de Melo Neto. Lá vai mais, falando de Mondrian:

"Fez-se enxertar ríguas, esquadros/ e outros utensílios/ para obrigar a mão/ a abandonar todo improviso." E não é só Mondrian e João Cabral de Melo Neto. O próprio Pedereiras evoca o *Circulado*, de Caetano Veloso, e os *hai-kais* japoneses. Fontes de fria emoção.

Foram dois números. No primeiro, a partir da música de Edward Elgar, são 16 que dançam as *Variações enigma*. Parece pós-modernidade de um sono de um coreógrafo. Citam balé clássico, usam movimentos às vezes sinuosos, às vezes quadrados, ainda que evitando sempre a reprodução exata do tradicional. O resultado é um

pós-moderno manierista, sem o benefício da ironia e da paródia.

No segundo número, 21, com música de Marco Antônio Guimarães, os aplausos foram mais intensos e o resultado mais eloquente. A idéia é trabalhar com algo abstrato e concreto ao mesmo tempo, como números, música, arte. Integrando sons com impulsos e movimentos, os bailarinos começam com malhas neutras e vão-se colorindo à medida que o balé vai sendo dançado, para terminar num telão *patchwork* no cenário, nas vestes e na dança. Como se tudo fosse reinventado.

Belo e frio: "Não esparramar-

se, fazer na dose certa/ por derecho, fazer qualquer queizer, / e o do ser, com a incorrupção da teta" (João Cabral, *Coisas de cabeça, Sevilla*). Resta a pergunta: como o caríoca, intuitivo, emotivo, quase sempre extrovertido, aplaude o Corpo? Pelo acabamento perfeito. Pelo polimento cintilante da pintura. Pela integração de movimento, cenário, iluminação, num profissionalismo que não se espera. Aplausos por admiração, não por entusiasmo. *Ars mirabilis*. A dança que queima, que empolga, que extravasa, que se desmesura em mági-as, até ao exagero, esta não é o Corpo. O Corpo é mineiro.